

Womanista: uma teologia que busca a libertação de mulheres negras

Marli Wandermurem e Maria Cristina Ventura

Introdução

A teologia womanista surgiu com as mulheres Afro-Americanas nos Estados Unidos. A palavra que deu título a esta teologia foi criada pela poetisa e romancista Alice Walker¹. A autora a usou para descrever a

mulher womanista como pessoa comprometida com a sobrevivência de todo um povo, o que inclui tanto o feminino como o masculino. Esta palavra também vem do tradicional uso que o povo Afro-Americano faz do termo "womanish" que significa atuar adulto, responsável e em ordem. É a partir deste conceito que a womanista Jacqueline Grant descreve uma pessoa womanista, isto é, "uma mulher negra que fala por ela mesma". Pode-se notar que fala é um aspecto essencial da teologia womanista.

Enquanto teologia, além ter relações com as teologias negra e feminista branca, as teólogas womanistas criticam os elementos sexistas na teologia negra da libertação e elementos racistas no feminismo branco. Jacqueline Grant, por exemplo, observa a ausência das experiências de mulheres negras na teologia negra da libertação. Também, Delores Williams critica o racismo no feminismo branco. Mesmo assim, enfatizam que o movimento womanista não é separatista, exceto quando a vida das mulheres negras está em perigo. Portanto, esta teologia dialoga tanto com homens quanto com mulheres que abrigam diversas perspectivas e estejam aliados/as com diferentes pensamentos de escolas teológicas.

A aventura teológica womanista, assim como a feminista, não fica sem oposição tanto da igreja quanto da sociedade. No entanto, a consciência womanista está se desenvolvendo em círculos teológicos, em organizações

membros e entre mulheres negras de igreja. As womanistas trabalham as questões relacionadas com as mulheres num contexto coletivo e comunitário, incluindo os homens negros e também as crianças.

1. O eixo bíblico e teológico womanista

A teologia womanista iniciou-se e se desenvolveu nas escolas femininas negras que ensinam teologia, estudos de textos bíblicos, ética, sociologia da religião e ministério em seminários, colégios e departamentos religiosos universitários. O objetivo dessas escolas tem sido trazer as experiências das mulheres negras para dentro dos círculos de interpretações teológicas cristãs de onde ela foi excluída.

Dentro do discurso teológico, a Cristologia é um espaço amplo onde se pode transitar abertamente vários elementos. É assim que Jacqueline Grant sugere a inclusão das mulheres negras na imagem de Deus porque identifica Cristo como uma mulher negra. Kelly Brown afirma que o rosto de Cristo tem sua definição a partir da luta na libertação das mulheres negras.

Em relação aos estudos bíblicos as escolas womanistas usam estratégias metodológicas para traduzir a partir do ponto de vista de suas disciplinas dentro da linguagem sócio-cultural das mulheres negras. Renita Weems, por exemplo, emprega estratégias históricas narrativas para interpretar textos bíblicos. Aparentemente sua primeira intenção é falar, em primeiro plano, para uma comunidade de audiência constituída de mulheres negras e, depois, à academia. Clarice Martin, uma especialista no Novo Testamento, também toma a audiência da igreja de mulheres e Delores S. Williams propõe uma relação protótipo entre a experiência histórica das mulheres afro-

americanas e a figura da Agar, no Antigo Testamento, a quem, a comunidade já apropriou a mais de cem anos. Portanto, as escolas bíblicas womanistas estabelecem responsabilidades com as igrejas afro-americanas.

2. A teologia Womanista mediante a ética cristã

No campo da ética a teologia womanista focaliza muitas questões. Em seu trabalho, Márcia Y. Riggs considera a luta das mulheres negras com respeito ao caráter interestruturado de racismo, sexismo e classismo. Já Katie G. Cannon e Jacqueline Carr-Hamilton visibilizam a ação moral e histórica das mulheres negras na luta pela libertação e Emilie Townes faz um exame dentro da espiritualidade womanista como testemunha social.

Também, através da teologia e da ética womanista a comunidade cristã vem descobrindo a importância teológica da atividade libertadora de algumas líderes afro-americanas do século 19. Essas mulheres foram vitais no desenvolvimento do movimento dos direitos civis negros nos Estados Unidos. Os trabalhos da teóloga Karen Baker-Fletcher, sobre a ativista intelectual Anna Julia Cooper, e o da eticista Emilie Townes, sobre Ida B. Wells contribuíram para este descobrimento.

3. O compromisso com a pluralidade e a diversidade

A teologia womanista possibilita um espaço inclusivo. Desta forma, o pensamento womanista afirma que a teologia feminista está comprometida com a pluralidade e diversidade, pela importância da inclusão de muitas vozes e muitas perspectivas. Portanto é uma teologia que tem a tarefa de ser autocrítica sobre as questões de classe e de raça. Assim, não há

simplesmente experiência universal de mulheres, mas uma diversidade entre mulheres. O que significa que em diferentes contextos geográficos, na qual existem várias estruturas econômicas, políticas e sociais e diversidades de tradições históricas e étnicas, o movimento de mulheres, através do globo, está desenvolvendo seu próprio entendimento feminista. Por isso, não se trata só de um pluralismo dentro da teologia feminista ocidental, mas um pluralismo que é global.

Dentro dessa análise, pode-se afirmar que também a teologia womanista, como as outras teologias cristãs, surge em prol de uma comunidade, que neste caso é a comunidade afro-americana. Ao falar de comunidade nota-se que a teologia womanista busca não só pelas experiências sociais e religiosas das mulheres nas comunidades afro-americanas, mas toda a comunidade de fé e suas crenças.

Em relação ao pecado, a teologia womanista afirma que a maneira como a sociedade degrada a feminidade negra é pecado. Defende que a feminidade das



Mulher negra



mulheres negras é sua humanidade e degradar esta feminidade significa degradar sua humanidade. Portanto, uma noção womanista de pecado afirma que a violência dos corpos das mulheres negras e a agressão resultante sobre seu espírito e sua própria estima constituem o pecado social mais grave.

Portanto, ser womanista é ter uma forte crítica contra a opressão, é também ter confiança na liberdade humana a partir da reflexão sobre o ser mulher e negra. Enfim,

ser womanista é estar conectada com a história de luta e resistência das mulheres negras em busca da sua libertação.

Bibliografia

TOWNES, Emilie M. (editor) *A Troubling in My Soul Womanist Perspectives on Evil & Suffering*, New York, Orbis Books, 1996.

McGRATH, Alister E., (editor), *The Blackwell Encyclopedia of Modern Christian Thought*, Massachusetts, Blackwell Publishers, 1993.

SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth, *Sharing Her Word Feminist Biblical Interpretation*, in: Context, Boston, Beacon Press, 1998.

Nota

1 Ver: Alice Walker. "In Search of Our Mother's Gardens: Womanist Prose" ("na busca do jardim de nossa mãe: prosa womanista"), 1983.

Marli Wandermurem é doutoranda em Ciências da Religião na Área de Literatura Bíblica no IEPG São Bernardo do Campo, São Paulo

Maria Cristina Ventura é doutoranda em Ciências da Religião na Área de Literatura Bíblica no IEPG São Bernardo do Campo, São Paulo

Nascimento de Jesus e Negritude

Adriano Otto

O mês de dezembro está se aproximando e com ele uma das festas mais importantes do ano eclesiástico: O nascimento de Jesus. O tempo é de alegria e fraternidade. Nesse ambiente alegre e descontraído, os presentes fazem parte desta festa. Pensar no presente de Deus à toda humanidade, Jesus Cristo, leva-nos a refletir sobre as condições de seu nascimento e a sua origem. Começando pela sua origem, Jesus foi judeu. Este povo foi se

constituindo ao longo da História. Partimos do Egito para apresentar alguns fatos que levam a crer que este povo é fruto de uma miscigenação. Várias tribos se uniram em torno da fé em Javé por causa da opressão que estavam sofrendo dos egípcios, pois procuravam alívio para o jugo. É bem possível que as diversas pessoas que se uniram em torno da fé em Javé, fossem criadores de gado, pequenos charqueiros,